

EDITORIAL

O crescente número de escolas bilíngues, as discussões acerca das “melhores” práticas de ensino de línguas, mediado ou não por tecnologias, a veiculação de cursos para “aprender uma língua em x meses” em diferentes mídias são claros indícios da importância da educação linguística na formação de qualquer pessoa, preferivelmente, desde os primeiros anos de vida. Língua é poder!, ou melhor, línguas - assim mesmo, no plural - são poder! Por meio delas podemos conhecer o mundo, compreendê-lo, descrevê-lo e analisá-lo e, quem sabe, até criar um próprio, com características bem peculiares. Por isso, aprender uma língua na escola, seja ela qual for, tem um papel fundamental para a formação e para o crescimento, em especial, se o ensino de línguas for guiado por uma abordagem intercultural, entendida como o desenvolvimento de uma sensibilidade cada vez maior em relação ao “diferente”, que permite aprender a conhecer melhor a si mesmo, enquanto se conhece o outro. Ao comparar o meu mundo, a minha cultura com a do outro, não posso julgar uma ou outra como melhor ou pior, simplesmente. É preciso reflexão, pesquisa, estudo e contato para que não fiquemos apenas no nível do julgamento; é preciso, portanto, educação.

Também por isso, é tão importante que a escola seja o lugar privilegiado para a circulação de diferentes línguas e culturas e é preciso que haja espaço não apenas para as línguas hegemônicas, mas para a pluralidade de realidades linguísticas e culturais, que precisam dialogar entre si, respeitando as diferenças que resultam das características históricas e geográficas de cada comunidade. O Brasil, no entanto, contrariando a sua própria história política e social, é um país, no qual o ensino de línguas (estrangeiras, adicionais, de herança etc.) ainda é privilégio de poucos e, quando muito, limita-se ao inglês, ficando todas as outras línguas, dentre elas o italiano, em segundo plano.

Dedicam-se justamente a refletir sobre o ensino de italiano nas escolas e sobre o papel da (inter)cultura os artigos contidos neste número 42 da *Revista de Italianística*, que observam, em quase todos os casos, o contexto da escola pública e partem de experiências realizadas no Brasil, mas também na Itália, cujos resultados podem ser estendidos a outras situações de ensino. De fato, a maneira como o ensino de línguas adicionais acontece na realidade pode

ter efeitos determinantes e é inegável a centralidade de professoras e professores, que, nesse processo, são aqueles que cotidianamente constroem novos caminhos. A formação específica é discutida em vários dos estudos apresentados, que analisam contextos e escolhas e avaliam suas consequências no ensino de línguas. Também em um momento tão peculiar quanto aquele do contexto pandêmico, com as mudanças radicais que provocou no ensino, repentinamente transferido da sala de aula a uma tela de computador, a constante reflexão sobre a prática didática e seu(s) sentido(s) e as escolhas feitas com a consciência de que as línguas vão muito além da gramática podem produzir profundas transformações.

Bianca Silva Semeguini, Camila Amatuzzi Rebello e Paula Garcia de Freitas (Universidade Federal do Paraná), autoras do primeiro artigo deste número da *Revista de Italianística*, abordam vários desses temas. Seu texto, intitulado “Formação de professores de línguas para crianças: um olhar sobre as abordagens de ensino”, descreve os resultados de uma fase do Programa Licenciado, realizado desde 2011 na UFPR sob a coordenação de Paula Garcia de Freitas, que leva graduandos do curso de italiano para as escolas públicas. Apresenta-se a maneira como diferentes abordagens de ensino são vistas por professores que participaram de um curso de formação voltado ao ensino de línguas estrangeiras para crianças. Analisando as respostas dos participantes às atividades propostas sobre as abordagens estruturalista, intercultural e por tarefas, percebeu-se que a visão estruturalista sobre a língua, o ensino e a aprendizagem ainda domina o imaginário dos professores de línguas estrangeiras. As autoras concluem que, para que as abordagens intercultural e por tarefas passem a fazer parte da realidade das salas de aulas, faz-se necessário repensar a formação de professores de línguas estrangeiras.

Gabriele Pallotti (Università di Modena e Reggio Emilia), Fabiana Rosi (Università di Trento) e Claudia Borghetti (Università di Bologna), em sua contribuição intitulada “*Analisi dell’interlingua, valutazione formativa e sperimentazione educativa nella formazione docenti*”, também tratam de um programa de formação de professores, nesse caso desenvolvido na cidade de Reggio Emilia e dedicado ao ensino da habilidade escrita em italiano L1 e L2 a alunos do ensino fundamental. Desde 2007, pesquisadores e professores têm trabalhado juntos no projeto *Osservare l’interlingua* para criar sequências didáticas que motivem os aprendizes a escrever e para examinar as produções escritas dos discentes. Os resultados mostram que o programa traz benefícios evidentes para a habilidade escrita das crianças, além de contribuir para a diminuição da desigualdade entre os alunos de italiano L1 e os de italiano L2, um passo importante no contexto plurilíngue e pluricultural das escolas italianas. Os resultados positivos desse programa podem servir de incentivo para a aplicação de projetos similares em outros contextos.

O trabalho de **Grazielle Altino Frangiotti e Ana Luísa de Araújo Mherib (Universidade de São Paulo)**, “Interculturalidade no ensino de italiano: um relato sobre a formação de professores no município de São Paulo”, também foi desenvolvido em um contexto de formação docente, mais especificamente no Programa de Formação Multicultural em Língua Italiana, que teve como objetivo preparar docentes para sensibilizar alunos da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo à língua e cultura italianas. As autoras mostram que, a partir dos conteúdos

ministrados no módulo de Suporte Didático para o Ensino da Língua Italiana, os professores realizaram diversos projetos sobre temas variados, como arte, música, matemática e geografia, mas com um objetivo em comum: promover a competência intercultural de seus alunos, favorecendo a reflexão sobre a cultura italiana em diálogo com a cultura brasileira e oferecendo oportunidades para que os aprendizes da escola pública aprendam sobre o outro ao mesmo tempo em que refletem sobre si mesmos.

Refere-se ao mesmo contexto didático o estudo “Duas faces do mesmo CLIL: a integração de conteúdo e língua na formação de professores e em projetos para o ensino de italiano em escolas públicas brasileiras”, de **Adriana Mendes Porcellato (Universidade Federal da Bahia)**, que se concentra nos diversos papéis que a abordagem CLIL desempenhou no suporte didático dirigido aos professores da rede pública. Considerando que essa abordagem se baseia na integração de língua e conteúdo, a formadora analisou como a integração aconteceu em suas próprias aulas, assim como nos projetos desenvolvidos pelos professores ao longo do módulo. As análises do material mostraram que, para que o CLIL seja implementado de forma realmente eficaz, é fundamental que os professores de conteúdo desenvolvam uma afinada sensibilidade linguística que lhes permita integrar a dimensão da língua àquela dos conteúdos. Apesar dos desafios, a autora conclui que projetos modulares que contemplem a abordagem CLIL representam um caminho promissor para a inclusão de línguas não hegemônicas na escola pública brasileira.

Partindo de uma experiência de ensino de italiano exclusivamente em modalidade remota, vistas as medidas de distanciamento social motivadas pela pandemia de Covid 19, o artigo de **Cleide Giacomelli Borraz, Mellina Anastacio Silva, Telmo Ambrosini e Daniela Bunn (Universidade Federal de Santa Catarina)**, intitulado “A sala de aula invertida e o lúdico no ensino remoto de italiano: atividades propostas”, apresenta uma série de atividades planejadas e aplicadas com base nas chamadas Metodologias Ativas, com foco principalmente no conceito de Sala de Aula Invertida e na utilização do lúdico. O ensino remoto resulta em uma série de restrições à interação entre os alunos e entre alunos e professores e, considerando tais dificuldades, o intuito das atividades descritas era engajar os alunos no processo de aprendizagem, de modo que as aulas fossem mais dinâmicas e interativas. Os pesquisadores discorrem sobre os resultados de sua experiência, incentivando os leitores, tanto docentes quanto alunos, a refletir sobre os possíveis meios de tornar o processo de ensino e aprendizagem a distância mais fluido e participativo.

Outro artigo voltado à elaboração de atividades didáticas é o de **Luciana Lanhi Balthazar e Brígida Adele Menegatti (Universidade Federal do Paraná)**, com o título “Leitura e interculturalidade no ensino de italiano como língua estrangeira no Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da UFPR”. Nesse trabalho, inserido em um contexto de formação de professores, as autoras descrevem o processo de escolha de leituras complementares para turmas de italiano de nível A2 no Curso de Línguas e Interculturalidade da UFPR. Após analisar cuidadosamente aspectos linguísticos e interculturais de dois livros de leitura graduada e um

de literatura adaptada, constatou-se que este último seria uma leitura mais apropriada, não só por apresentar elementos linguísticos mais adequados ao contexto de ensino e ao programa previsto, como também por fornecer maiores oportunidades de reflexão sobre a cultura alvo e a cultura nativa dos aprendizes. A partir do livro assim selecionado, os professores em formação elaboraram uma série de atividades para promover o desenvolvimento linguístico e intercultural dos aprendizes.

O trabalho “A linguagem do futebol no ensino de italiano: análise de livros didáticos e proposta de glossário”, de **Beatriz Anastacia Dália Martins** e **Angela Maria Tenório Zucchi (Universidade de São Paulo)**, também se concentra em material didático e, mais especificamente, na análise de uma amostra de livros didáticos de italiano elaborados e editados na Itália. O estudo consistiu na identificação de ocorrências de termos e fraseologismos relacionados ao futebol, um esporte particularmente relevante nas culturas brasileira e italiana. Visto que livros didáticos são frequentemente utilizados como único material de referência para o ensino de língua e cultura italianas a aprendizes brasileiros, o referido trabalho oferece uma importante contribuição no sentido de entender como a temática do futebol é abordada e quais termos e fraseologias são apresentados e vão compor o inventário lexical dos aprendizes sobre esse tema tão caro a ambas as culturas em questão.

É um convite à reflexão sobre como o ensino de línguas também pode ser um importante instrumento de ação social o texto “Oficinas de italiano e crioulo haitiano para todos: línguas adicionais em um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos”, de **Daniela Aparecida Vieira** e **Cristiane Maria Coutinho Fialho (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Perus I)**. As autoras discorrem sobre a experiência de oferecer oficinas de italiano e crioulo haitiano a brasileiros, imigrantes e refugiados que frequentam o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I, unidade pública de ensino voltada a jovens e adultos que não puderam estudar “na idade certa”. O inglês é a única língua que faz parte do currículo da EJA, portanto, tais oficinas – gratuitas e acessíveis também à comunidade externa – são um modo de enriquecer o repertório de saberes desses alunos adultos, que muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade social. A leitura desse texto ajudará o leitor a concluir que aprender línguas é para todos e vai muito além da questão linguística: é instrumento de poder, de superação e de cooperação.

No último artigo do volume, também destaca-se a dimensão política na educação linguística, analisada pelas perspectivas do ensino de línguas e da formação de professores. **Fernanda Landucci Ortale**, **Solange Aparecida Cavalcante Ferri** e **Marcos Airam Ribeiro e Silva (Universidade de São Paulo)** deram ao seu texto o título “A Pedagogia Pós-Método: o ensino de línguas como compromisso político para além da sala de aula” e argumentam que a Pedagogia Pós-Método traça princípios tanto para compreender os processos de ensino-aprendizagem de línguas, quanto para denunciar como os métodos de ensino contribuíram para a formação de um imaginário coletivo imperialista sobre o que é ensinar e aprender línguas. Nesse trabalho, contextualiza-se o surgimento do Pós-Método e descrevem-se seus três parâmetros (o da par-

ticularidade, o da praticidade e o da possibilidade), que colocam o professor como indivíduo crítico e consciente do contexto sociopolítico em que se encontra, autor de sua própria prática e promotor de justiça social.

Desejamos a todas e todos boa leitura!

As editoras deste número
(Adriana Mendes Porcellato,
Elisabetta Santoro e Paula Garcia de Freitas)